

# O DOCUMENTO AUDIOVISUAL OU A PROXIMIDADE ENTRE AS 3 MARIAS

**RESUMO:** A organização dos documentos audiovisuais é considerada atividade comum às três profissões irmãs da organização da informação (museologia, arquivística e biblioteconomia e documentação = as **3 Marias**), embora geralmente não identificada desta forma. A oscilação terminológica presente na bibliografia que trata da organização destes documentos reforça a idéia segundo a qual esta área permeia as três profissões e que todas têm dificuldade em tratar adequadamente estes documentos.

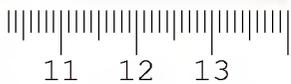
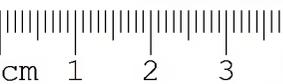
**PALAVRAS-CHAVE:** Museologia; Arquivística; Biblioteconomia e Documentação; Documentos audiovisuais

*Johanna W. Smit\**

**A**o propor o título acima, devo esclarecer antes de mais nada o que as **3 Marias** podem estar significando neste contexto, para evitar mal-entendidos. O trabalho de análise e descrição de documentos audiovisuais, considerados enquanto suportes de informação, aponta para uma área que, a meu ver, não está sendo claramente dimensionada nas três profissões irmãs da organização da informação, batizadas doravante pela expressão "**3 Marias**" (museologia, arquivística e biblioteconomia e documentação)<sup>(1)</sup>. Em outros termos, parto da hipótese segundo a qual os documentos audiovisuais constituem um campo privilegiado de interface entre museologia, arquivística e

\* Professor-doutor, Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP.

(1) O parentesco entre as 3 profissões é analisado de forma muito interessante por Peter Homolus (ICOM -International Council of Museums, Comitê de Documentação), ao situar as bibliotecas e os museus nas extremidades de um espectro, ou contínuo, de instituições coletoras de cultura, e os arquivos nas posições medianas. Homolus (1990) considera virtualmente impossível distinguir claramente, no contínuo das 3 profissões, aonde terminam as funções de uma **Maria**, e começam as de outra, uma vez que de acordo com as especificações de acervos e públicos, cada **Maria** cobrirá uma parcela diferente do espectro. Esta análise leva Homolus a preconizar o diálogo constante e intenso entre os profissionais atuando na família das instituições coletoras de cultura.



biblioteconomia e documentação, porque presente em todas e também porque as três profissões têm dificuldades - diferenciadas, por certo - para tratarem estes documentos, dada sua especificidade. Enfim, e abordando a mesma questão a partir de outro ângulo, acredito que seja pertinente chamar a atenção para os momentos de aproximação entre três profissões que, apesar de compartilharem objetivos próximos, técnicas semelhantes e as mesmas condições adversas (a situação aflitiva em que se encontram a "cultura, a "memória" e a "informação" no Brasil de hoje é suficientemente conhecida), raramente unem esforços, ignorando-se umas às outras na maior parte das vezes.

Mas, voltemos aos documentos audiovisuais, contextualizando-os agora de forma mais precisa em relação às **3 Marias**.

Os documentos audiovisuais não são vistos, em regra geral, enquanto documentos que, caso devam ser organizados para posterior utilização, demandam os conhecimentos de uma categoria profissional específica. A organização do documento audiovisual constitui, de fato, um "*no man's land*" profissional, no qual várias profissões estão envolvidas, freqüentemente até por razões fortuitas, uma vez que os documentos audiovisuais podem iniciar sua trajetória como **suporte** ou **sub-rotina** de outra atividade que, esta sim, traz um nome definido (biblioteca, centro de documentação, museu, arquivo).

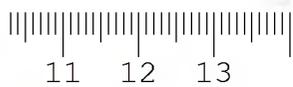
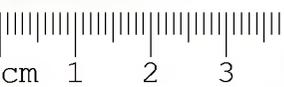
No que concerne o documento audiovisual como **suporte**, pode-se citar, por exemplo, a documentação fotográfica reunida para "documentar", com propósitos museológicos, a obra de certo pintor, do qual um museu possui alguns quadros. Esta documentação fotográfica, ao tomar vulto, pode, com o decorrer dos anos, dar margem à criação de um "serviço de documentação" subordinado ao museu e organizado, por razões de tradição, segundo critérios museológicos.

De forma mais abrangente, pode-se citar "documentações audiovisuais" assimiladas, explicitamente, a uma atividade museológica, como bem demonstra, a título de exemplo, a linguagem utilizada pelas publicações da Fundação Cinemateca Brasileira:

"(...) preservar o filme, como se preserva livros nas bibliotecas e quadros nas pinacotecas e museus" (THOMPSON, 1964, p.5); ou ainda:

"esse trabalho de conservação do material cinematográfico, para ser realmente uma realização museológica e tornar-se apto a servir de base à pesquisa histórica (cinematográfica ou não), deve ser completado por fichários que permitam a localização e a manipulação rápida e útil de filmes, livros, ou fotografias" (THOMPSON, 1964, p.7).

Em outras circunstâncias, a "documentação audiovisual" tem sua origem em arquivos históricos que, com o passar do tempo e conseqüente acúmulo de documentos audiovisuais, acabam separando-os e/ou dando-lhes maior valor. A descrição dos documentos audiovisuais transforma-se, nestes casos, numa **sub-rotina** da atividade geral do arquivo. Nestes casos, relativamente freqüentes, os documentos audiovisuais serão organizados dentro de uma lógica geral de



organização de arquivos que, se não é totalmente diferente da lógica documentária, tampouco se confunde com esta.

Para melhor ilustrar a oscilação terminológica entre as diferentes abordagens compreendidas pelas atividades das **3 Marias**, pode-se citar o Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) que reúne uma multitude de documentos sonoros numa "Divisão de Documentação Audiovisual". Esta Divisão, ao tentar organizar e descrever os documentos sonoros, discute os sistemas documentários existentes (AACR<sup>2</sup> e ISBD) e propõe soluções num folheto cujo título remete novamente à terminologia arquivística: "manual de procedimentos para descrição de arquivos sonoros" (JAEGGER & LYRA, 1985).

O título do livro de Lance "Sound Archives: a guide to their establishment and development", editado pela IASA (International Association of Sound Archives) (LANCE, 1983) reflete a mesma heterogeneidade terminológica, ao discutir os arquivos sonoros tanto de um ponto de vista arquivístico (o "fundo de história oral", o "arquivo de etnomusicologia") como também documentário (o capítulo sobre a documentação forma um verdadeiro tratado de documentação sonora).

Embora seja muito difícil situar corretamente e seguramente a questão da organização dos documentos audiovisuais em função dos diferentes "espaços" nos quais a atividade tem sido exercida, forçoso é constatar que, se por um lado as diferentes profissões envolvidas pelas **3 Marias** não parecem estar conscientes da indeterminação reinante, tampouco há bibliografia que chame a atenção para esta situação de fato e acima evocada: a organização do documento audiovisual é um "no man's land" profissional.

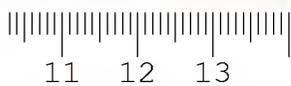
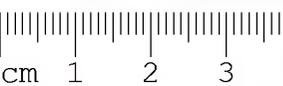
Em função da realidade brasileira é difícil, neste tipo de discussão, ignorar a argumentação corporativista e seus múltiplos desdobramentos no que concerne as **3 Marias**. A discussão pode ser resumida nos seguintes tópicos:

a. cada profissão acredita ser a única a lidar, de forma coerente e conseqüente, com os materiais audiovisuais;

b. cada profissão ignora, parcial ou totalmente, as soluções que as outras profissões propõem para lidar com esta categoria de materiais: de fato, há três bibliografias estanques, uma para cada **Maria**.

c. freqüentemente a denominação do "lugar" que trata o material audiovisual faz supor uma demarcação rígida entre documentos audiovisuais em museus, arquivos e centros de documentação, sendo que, na realidade, se constata que este tipo de material é freqüentemente organizado em algum espaço, quer seja com conotação museológica, arquivística ou documentária, mas com preocupações reais muito próximas, em termos de metodologia de trabalho;

d. em suma, e muito embora os nomes dos "lugares" nos quais os documentos audiovisuais são descritos e analisados nem sempre reflitam a lógica de organização e a formação profissional das pessoas envolvidas neste trabalho, verifica-se que os documentos audiovisuais ocupam pouco a pouco espaços maiores e que seu tratamento, qualquer que seja o nome dado ao espaço, demanda



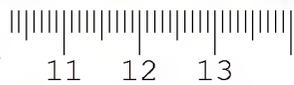
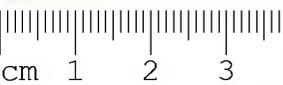
especificações e reflexões muitas vezes ausentes...

Na ausência de bibliografia, parece ousado lançar hipóteses, quaisquer que sejam, mas no que concerne ao tratamento do documento audiovisual pode-se afirmar, sem correr grandes riscos, que os mesmos são geralmente tratados com certa estranheza, desconforto ou até inadequação, explicáveis tanto pela variedade dos suportes audiovisuais como também, e principalmente, pela relativa falta de familiaridade com os mesmos. A formação do bibliotecário leva-o a se sentir seguro ao tratar livros e outros documentos escritos, assim como o arquivista está habituado a tratar documentos escritos e museólogo objetos... Ciente de que estou pintando a situação de forma caricata, tampouco posso deixar de perceber em muitos "lugares" nos quais se praticam as **3 Marias** uma certa tendência a isolar os documentos audiovisuais numa categoria do "outro", do "diferente", do "complemento"<sup>(2)</sup>. Informação "séria" é informação escrita ou objeto museológico bem definido; a norma expulsa aquela gravação do discurso de fulano ou aquela fotografia de sicrano para a incômoda categoria dos "outros"...

Desta forma, o documento audiovisual acaba constituindo, muitas vezes, um real problema, tanto para o profissional que deve organizá-lo, como também para o pesquisador (ou público, usuário, consultante, visitante, e outros tantos nome aplicáveis à categoria de pessoas que utilizam os serviços prestados pelas **3 Marias**). Talvez por esta razão uma boa parcela das atividades ligadas à organização dos documentos audiovisuais não está sendo assumida - e nunca o foi - por nenhuma das três profissões que compõem as **3 Marias**. Pode-se, inclusive, formular uma hipótese mais abrangente segundo a qual a descrição de documentos audiovisuais, para ser eficiente, exige uma sensibilidade para o som e/ou a imagem que, infelizmente, nem sempre constitui apanágio dos profissionais das **3 Marias**; o que explicaria porque esta atividade é freqüentemente exercida por pessoas mais diretamente ligadas à produção dos próprios documentos. Etnólogos, historiadores e lingüistas organizam, nesta hipótese, centros de documentação sonora e/ou visual sobre aspectos particulares da vida social... profissionais de cinema ou televisão, fotógrafos, radialistas, etc., são incumbidos da tarefa de organização de arquivos sonoros e/ou de imagens para fins de reutilização, num contexto de produção de novos produtos e/ou documentos audiovisuais...

O reconhecimento desta dificuldade de tratar os documentos audiovisuais e a conseqüente procura por tratamentos **diferenciados**, em relação a cada tipo de documento, constituem, a meu ver, a única resposta adequada e eficiente que as **3 Marias** poderiam dar à questão e, é claro, a mesma será mais eficiente ainda se levar em conta que os documentos audiovisuais estão presentes tanto em museus, como em arquivos e centros de documentação. As diversidades de usos não deveriam impedir a discussão dos problemas comuns.

(2) *Desnecessário frisar que minha colocação não se aplica aos "lugares" que têm nos documentos audiovisuais o cerne do seu acervo, como por exemplo cinematotecas, discotecas ou arquivos fotográficos.*



## Audiovisual documents as a joint between three sisters institutions

**ABSTRACT:** The organization of audiovisual documents is considered as a common activity of the three sister institutions dealing with information management (museums, archives and libraries), though generally not regarded under this viewpoint. The activity of organization of audiovisual documents is present in the three professions, in spite of oscillations of terminologies and common difficulties to deal with them.

**KEY WORDS:** Museums; Archives; Libraries; Audiovisual documents

## BIBLIOGRAFIA

- CALIL, C.A.M. e outros. *Cinemateca imaginária; cinema e memória*. Rio de Janeiro: EMBRAFILME/IDDD, 1981.
- CARVALHO, A.M. de F. *Fotografia como fonte de pesquisa: histórico, registro, arranjo, classificação e descrição*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória/Museu Imperial, 1986.
- JAEGGER, M. de F.P., LYRA, M.H.C.P. de. *Manual de procedimentos para descrição de arquivos sonoros*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985. (Publicações Técnicas, 38).
- HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. *Art Libraries Journal*, vol.15, n.1, p.11-13, 1990.
- LANCE, D. *Sound archives: a guide to their establishment and development*. S.1.: IASA, 1983.
- MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. Seção de documentação. São Paulo, SP. *Manual para preenchimento de fichas padronizadas*. Coord. de Johanna Smit. 1986.
- SAINTVILLE, D. *Panorama des archives audiovisuelles*. Paris: Documentation Française, 1986.
- SMIT, J. A análise da imagem: um primeiro plano. In: SMIT, J. (coord.). *Análise Documentária: a análise da síntese*. Brasília: IBICT, 1987. p.99-111.
- THOMPSON, C. *Cinemateca brasileira e seus problemas: informação e documentação*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1964. (Cadernos da Cinemateca, 3).

